

Vão culpar o salário

Houve tanta campanha contra o congelamento de preços do antigo Plano Cruzado que o retorno da inflação mensal no patamar de 15% vem sendo absorvido como fato perfeitamente normal, tão corriqueiro que não se fala mais em nenhum programa de estabilização econômica, ninguém se interessa mais em cobrar do Ministério da Fazenda o combate à hiperinflação e o Governo não se arrisca a incluir este tipo de medida em seus próximos "pacotinhos".

O mote atual é evitar a recessão, já instalada menos por força de medidas antiinflacionárias do que pela própria desorganização econômica a que chegamos com a falácia do Plano Cruzado. Combater a inflação tornou-se quase uma preocupação anacrônica, encarada até com certa reserva "para não despertar suspeitas recessivas". Combater a inflação, por meios tradicionais e conhecidos, então, é tabu: nem pensar em conter crédito, segurar demanda, reduzir gastos públicos.

Naturalmente que a recessão precisa ser amenizada, não se pode deixar que a explosão do desemprego e a quebradeira das empresas venham acabar de vez com a tênue sustentação do Governo Sarney. Mas a forma como se planeja a ação de médio prazo na economia dá a clara impressão de que se trabalha apenas com o objetivo imediato de evitar a saída do ministro Dilson Funaro, da Fazenda, com ações que não desagradem a ninguém em absoluto e que atendam ao máximo os mais diversos interesses, do empresariado às voltas com as altas taxas de juros aos produtores enganados por promessas de crédito barato, dos sindicatos embromados pelo gatilho salarial que não repõe perdas reais, aos banqueiros tranqüilos com a decisão de não se tabelar os juros.

Quando se cobram ações objetivas para estabilizar a economia — o que só se consegue com taxas razoáveis de inflação mensal — a resposta dos técnicos do PMDB invariavelmente resvala para a desculpa da área externa: não dá para fazer nada a médio prazo enquanto não se tiver uma resposta dos credores à "carta de intenções" da moratória. Enquanto os banqueiros não concordarem em dar dinheiro novo ou capitalizar os juros, não se sabe o que fazer aqui dentro.

A opção que a Fazenda e o PMDB têm dado ao presidente José Sarney parece clara: combater a recessão para evitar um desgaste político maior, deixando que a inflação corretiva corra solta pelo menos durante mais algum tempo, enquanto se espera algum desfecho mágico nas contas externas. Quanto à inflação, o povo já está acostumado com a experiência do passado, já se viu que ela não derruba ministro e talvez até seja necessária neste contexto de desorganização econômica, para impedir uma redução mais perigosa na atividade produtiva.

A tranqüilidade com que o Governo encara os quase 15% mensais de inflação só pode ser explicada pela falta de compromissos com o médio prazo ou, então, pela existência de algum trunfo secreto nas gavetas do Planalto — tipo a reedição do fracassado choque heterodoxo, sempre um recurso disponível quando não se sabe o que fazer com a explosão dos preços. Ou o Governo espera apoio para jogar a culpa da inflação no gatilho salarial e extingui-lo sem nenhuma contrapartida?

ARNOLFO CARVALHO